



## ENTRE BICHOS DE PÉ E PIANOS: ACEITAÇÕES E ADAPTAÇÕES DAS FILHAS DE CARIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO À CULTURA MINEIRA NO SÉCULO XIX

Ana Cristina Pereira Lage\*

Centro Universitário de Belo Horizonte – UniBH

[anaplage@uol.com.br](mailto:anaplage@uol.com.br)

**RESUMO:** Este artigo pretende trabalhar com a correspondência trocada entre a primeira superiora das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo de Mariana (MG) e a sede da congregação em Paris. Por meio desta correspondência é possível perceber o caminho trilhado pelas doze irmãs desde Paris até o local do destino. As impressões ao longo da viagem demonstram as diferenças culturais entre as vicentinas e as pessoas dos locais por onde passavam. Embora tivessem a orientação de manutenção da cultura organizacional para o bom desempenho da obra, tiveram que sofrer algumas adaptações para serem aceitas em Minas Gerais. Exemplifica-se a adaptação por meio do ensino do piano e a aceitação quando já não eram mais atormentadas pelos bichos de pé. Verifica-se como o fortalecimento das Irmãs Vicentinas esteve ligado à adaptação cultural de seus princípios aos desejos das famílias mineiras na segunda metade do século XIX.

**PALAVRAS-CHAVE:** Filhas de Caridade – Correspondência – Cultura Organizacional

**ABSTRACT:** This paper intends to work with the correspondence between the first superior of the Daughters of Charity of St. Vincent de Paul of Mariana (MG) and the seat of the congregation in Paris. Through this correspondence you can see the path taken by the twelve sisters from Paris to the place of destination. Impressions along the way demonstrate the cultural differences between the Vincentian people and places as they went. Although they maintain the orientation of organizational culture for the good performance of the work, had to undergo some changes to be accepted in Minas Gerais. Exemplifies the adaptation by teaching piano and acceptance when they were no longer tormented by ticks. It can be seen as the strengthening of the Vincentian Sisters was linked to its principles of cultural adaptation to the wishes of the mining families in the second half of the nineteenth century.

**KEYWORDS:** Daughters of Charity – Correspondence – Organizational Culture

Ah! Nunca pensei profetizar tão bem!  
Aproximava-se o dia da separação. [...] E  
nós, no silêncio do coração fazíamos a Deus  
o sacrifício daquilo que tínhamos de mais

---

\* Doutora em História da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do Centro Universitário de Belo Horizonte – UniBH

caro – a Pátria...[...] No dia seguinte, após o Santo Sacrifício oficiado por nosso Honoratíssimo Pai, tivemos, de sua parte, algumas palavras relativas à sublimidade de nossa vocação, à grandeza da Missão à qual fomos chamados. Esse bom Pai nos lembrou também que a fidelidade às práticas e usos da Casa Mãe, o amor das virtudes que compõem nosso espírito, a fiel observância de nossas Santas Regras, uma grande caridade e união entre nós, eram meio infalível para atrair do céu sobre nossas obras as mais abundantes graças.

Irmã Dubost<sup>1</sup>

Ao relatar a sua despedida da França, Irmã Dubost, a Primeira Superiora da primeira Casa das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil, salientou que a Congregação se reuniu para celebrar *o sacrifício* de Cristo e também das 12 Irmãs de Caridade que partiam para a desconhecida Mariana, em Minas Gerais. Desligavam-se da Pátria e se distanciavam da família vicentina francesa em nome de algo maior: a vocação da Congregação e a Missão para a qual estavam destinadas. O Superior Geral da Congregação da Missão, Padre Etienne, lembrou-lhes que a Missão só seria possível e teria as graças divinas se fossem observados determinados valores que faziam parte da cultura organizacional naquele momento: o respeito e o exemplo da Casa Mãe parisiense, as Regras vicentinas, a caridade e a união de todos. A observância destes valores ocasionaria o respeito, a aplicação correta e a durabilidade da obra vicentina em todos os territórios estabelecidos pelas irmãs, dentro dos princípios de universalidade e propostos naquele momento para a Congregação. Neste trabalho pretende-se analisar o percurso da viagem empreendida pelas Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo desde a partida de Paris até a chegada na cidade de Mariana e como ocorreu a adaptação vicentina à cultura mineira. A pesquisa parte da análise da correspondência trocada entre os vicentinos de Paris e de aqueles instalados em Mariana.

---

<sup>1</sup> Relato da viagem ao Brasil da Irmã Dusbost ao Superior Geral da Congregação da Missão, Pe. Jean Baptiste Etienne. Dezembro de 1848. In: **História da missão das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil**. Mariana: Casa da Providência, 1999. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana

No início de 1849, chegaram 12 Filhas de Caridade para exercer diversas atividades em solo mineiro, e esse foi o primeiro grupo de vicentinas encaminhado ao Brasil, bem como a primeira Congregação feminina que se instalou em Minas Gerais. A importância desta instalação relaciona-se às atividades que praticavam naquele momento e que propuseram implantar na província, especialmente para a educação confessional feminina.

A vinda das Filhas de Caridade para Mariana foi uma solicitação do Bispo de Mariana, D. Antonio Ferreira Viçoso, integrante da vertente masculina dos vicentinos, a Congregação da Missão, ou também conhecidos como Lazaristas. Em 1848, desejo de fortalecer a educação feminina em Minas Gerais, sabendo das necessidades locais por falta de espaços educativos e segundo as ideias ultramontanas na produção de agentes sociais pela via educacional para o catolicismo. O ultramontanismo consistia em valorizar a figura papal e a Igreja Católica em contraponto ao fortalecimento das ideias liberais que se ampliavam no século XIX, desvinculando o poder político do poder religioso. A educação feminina confessional aparecia como um grande instrumento de valorização do catolicismo por meio de inculcação de ideias religiosas nas educandas.

Poucos anos após assumir o bispado em Mariana, o lazarista D. Viçoso solicitava ao Superior de Paris o envio de mestres e mestras para os Colégios, e missionários para as suas obras, todos seus irmãos de Congregação. Primeiro tratou de arrecadar fundos para as obras que seriam estruturadas e só depois entrou em contato com a Casa Mãe. As Filhas de Caridade viriam para cuidar dos pobres e educar meninas, cuidar das moças em geral, mas principalmente das órfãs. Iniciavam-se assim os primeiros contatos para a implantação da obra das Filhas de Caridade no Brasil.

Em 1999, ao comemorar os 150 anos da chegada das Filhas da Caridade ao Brasil, a província de Belo Horizonte organizou uma coletânea com a transcrição e tradução do relato da viagem e das cartas enviadas a Paris pela Primeira Superiora de Mariana (Irmã Dubost), entre os anos de 1849 e 1854.<sup>2</sup> A coletânea totalizou 81 cartas, sendo 59 destas encaminhadas à Superiora de Paris (Irmã Mazin ou Irmã Mocellet), 14 ao Superior Geral da Congregação da Missão (Padre Etienne), e oito para pessoas variadas da Congregação da Missão ou das Filhas de Caridade. Existia uma regularidade mensal na correspondência com a Superiora, mas se percebe que as cartas

---

<sup>2</sup> **História da missão das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil.** Mariana: Casa da Providência, 1999. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

iniciais foram mais detalhadas, contando as suas impressões sobre os brasileiros e os locais por onde ela passou, e ainda buscavam muitas orientações para a regularização de suas diversas atividades. A correspondência inicial demonstra a circularidade de informações entre Paris e Mariana, além de sinalizar as preocupações de estabelecer uniformidades dos costumes e das práticas das Filhas de Caridade nos momentos iniciais no Brasil. As cartas finais, já com a consolidação e adaptação do Colégio Providência à cultura local, eram mais técnicas e somente informavam das realizações institucionais.

Essas correspondências relatavam os anos iniciais das vicentinas em Mariana e tornam-se uma importantíssima fonte para a compreensão do cotidiano, das apreensões e dos problemas enfrentados na implantação da obra brasileira. Também apontam os conflitos a respeito da preservação das regras e normas da cultura vicentina e as pressões para a adaptação ao cotidiano do público local. A principal característica desse material é que a Madre Superiora demorava vários dias para escrever as suas cartas, que por sua vez demoravam muitos dias para chegar às mãos dos destinatários e, por diversas vezes, apontam para a ausência de respostas das cartas anteriores.

As correspondências encaminhadas para Paris conectavam a pequena obra de Mariana ao processo de universalização vicentina. Assim, todas as particularidades e impasses eram tratados com o respaldo dos superiores parisienses. Por outro lado, buscavam assegurar a regularidade das ações e da preservação da cultura organizacional vicentina em solo brasileiro. Escritas por uma francesa, as cartas possuíam o olhar do “outro”, como um viajante estrangeiro em terras distantes. Os documentos estavam repletos de juízos, referenciados nos valores franceses, católicos e congregacionistas.

Inicialmente, torna-se necessário traçar o perfil das vicentinas que era esperado pela Casa Mãe de Paris. Considerado como o primeiro documento histórico da Casa da Providência de Mariana, a carta do Superior Geral dirigida às Filhas de Caridade comunicou-lhes a escolha destas para a fundação da primeira obra de São Vicente no Brasil. Ele iniciou a sua carta estabelecendo regras de conduta para as congregadas para o bom funcionamento da missão. Inicialmente, a casa particular tinha que ser uma cópia fiel da Casa Mãe:

Quarta Regra - As obras de São Vicente podem estabelecer-se sobre as mesmas bases, nas mesmas condições em todos os países, em todos os povos e sob todos os climas.

Não se esqueçam de que começam a construir o edifício da Companhia que a Providencia quer estabelecer no Brasil. Aquelas que virão depois, só terão que continuar a construção nas condições já estabelecidas. Se o inicio for defeituoso, a obra se ressentirá para sempre, exposta a degenerar sem a benção do céu e, conseqüentemente, sem sucesso e garantia de continuidade. Faça-se, pois, em Mariana o que é feito na Casa Mãe de Paris, na prática da simplicidade, da pobreza, da humildade, uniformidade e regularidade.<sup>3</sup> [Destaque nosso]

A instituição das regras de conduta para as Filhas de Caridade buscava manter a identidade e a conexão destas em qualquer espaço em que estivessem estabelecidas. Os princípios de união entre as congregadas, o amor e a devoção a Deus apareciam nas três regras iniciais, mas a quarta regra pode ser considerada como a principal para a garantia e o sucesso da obra que estavam prestes a fundar. A unidade das vicentinas ocorreria na observância da Regra estabelecida por São Vicente de Paulo e nos exemplos da Casa Mãe de Paris. Somente assim o movimento de circulação das vicentinas pelo mundo aconteceria de forma regular e uniforme. A observância destes princípios, ou valores, era imprescindível para a implantação da empresa vicentina no Brasil.

Em novembro de 1848 partiram de Paris as 12 Filhas de Caridade, acompanhadas de seis Padres e três Irmãos da Congregação da Missão. Depois de uma difícil travessia do Atlântico, com relatos de tempestades, fome, falta de água e doenças, chegaram ao Rio de Janeiro no início de fevereiro do ano seguinte. Torna-se importante relatar um pouco as primeiras impressões que as vicentinas tiveram da Corte e como foram recepcionadas, dados que foram registrados em diversos momentos do relatório da viagem de ida para o Brasil, relatório este encaminhado a Paris. Isto possibilitará compreender o motivo de tanta insatisfação brasileira quando esses relatos foram publicados na imprensa brasileira. Essas impressões também mostram o próprio cotidiano das vicentinas e as ideias que tinham sobre algumas práticas sociais e culturais diferentes das suas e que existiam no Brasil.

No Rio de Janeiro, enquanto esperavam a condução que viria de Mariana, foram encaminhadas para se hospedarem no convento das enclausuradas franciscanas.

---

<sup>3</sup> Carta de Padre Etienne às Filhas de Caridade. Paris, 25 de novembro de 1848. In: **História da missão das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil**. Mariana: Casa da Providência, 1999. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

As diferenças entre os dois grupos, principalmente na observação das suas respectivas Regras, logo foram notadas:

Só vemos nossos bons Padres através de duas grades e à distancia de seus pés, mais ou menos. As religiosas só nos deixam sair depois de terem recebido, por escrito, uma ordem do Senhor Bispo. Como podeis imaginar, atraímos todos os olhares. Caminhamos em fila, duas a duas, tendo à frente os Padres Monteil e Cunha.<sup>4</sup>

A distância que deveriam manter dos padres, seus confessores, incomodava a Irmã Dubost. As *Cornetas* que as Filhas de Caridade portavam em suas cabeças deveriam causar muito espanto à população brasileira, mas talvez o maior de todos fosse a circulação destas mulheres pela cidade, mesmo acompanhadas dos padres da Congregação da Missão. O costume de circular livremente pelas cidades ficava cerceado pela dependência da autorização do bispado e ainda pela necessidade de ter sempre a companhia dos Lazaristas. Um dos princípios mais caros para as vicentinas, o direito de ir e vir livremente para praticar as suas obras assistenciais, ficava tolhido pelas aprovações do bispo local para saírem da clausura franciscana e ainda pela imposição de estarem sempre acompanhadas por homens, que andariam à frente delas.

A convivência com as franciscanas proporcionou ainda uma ideia das diferenças entre as enclausuradas do clero regular e as especificidades das congregações de *vida ativa*. “Asseguro-vos que nossa permanência nesta casa, longe de nos atrair para a vida enclausurada, ao contrário, faz-nos agradecer a Deus e bendizê-Lo por nos ter escolhido para a pequena Companhia das Filhas da Caridade”.<sup>5</sup> As vicentinas eram mulheres muito ativas, que emprendiam tarefas assistenciais cotidianamente e, para elas, o enclausuramento, repleto de orações e ociosidade, aparecia como algo muito distante da realidade organizacional das Filhas de Caridade.

As impressões sobre a diferença de suas práticas e princípios foram demonstradas também com relação às mulheres da Corte em geral, em vários momentos das correspondências. Quanto às escravas das franciscanas, estabeleceram um contato que não era muito usual nas relações escravistas brasileiras. As vicentinas não viram nenhum inconveniente em convidar as escravas para que estas escutassem o canto religioso. Quando a Irmã Dubost emitiu a sua opinião sobre o canto das escravas,

---

<sup>4</sup> Carta da Irmã Dubost à Irmã Mazin. Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1849. In: **História da missão das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil**. Mariana: Casa da Providência, 1999. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

<sup>5</sup> Carta da Irmã Dubost à Irmã Mazin. Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1849. In: *Ibid.*

salientou que estas, e as brasileiras em geral, cantavam muito alto. Provavelmente pelo tratamento diferenciado que receberam das vicentinas, as escravas passaram a tratá-las agradavelmente. Em outro momento, novamente por conta do interesse pelo canto das vicentinas, a Irmã Dubost sugeriu a possibilidade de instruí-las: “As negras, atraídas pelo barulho, compreenderam ser um canto piedoso e, apesar de estarmos sentadas puseram-se de joelhos, mãos erguidas para o céu e só se levantaram quando acabamos de cantar. Oh! Quanta fé neste povo! Oh! Se fossem instruídos...”<sup>6</sup>

As relações mais próximas e respeitadas às mulheres, aos escravos e aos negros em geral aparecem em vários momentos, tanto nos relatos das Filhas de Caridade, quanto nos documentos da Congregação da Missão. Segundo os escritos de D. Viçoso, a caridade dos princípios de São Vicente e ainda as pregações de Cristo levavam-nos a condenar a escravidão, já que “[...] Jesus Christo se mostra, e a liberdade, a fraternidade, a caridade descem à terra e nella se aclimatão. Elle emancipa a mulher, dá alforria ao escravo, allivia o indigente do peso da riqueza, protege o ignorante e o livra do jugo da sciencia orgulhosa”.<sup>7</sup> Seguir os princípios de São Vicente e de Cristo levava os vicentinos a uma opinião divergente dos brasileiros acerca da escravidão e do próprio relacionamento com as mulheres. Na opinião de D. Viçoso, os escravos deveriam ser alforriados, e as mulheres, emancipadas dentro dos princípios de liberdade, fraternidade e caridade propostos.

Parece que a questão da proibição de circular livremente pelas ruas do Rio de Janeiro incomodou muito as vicentinas, pois, segundo a Irmã Dubost, as mulheres negras brasileiras eram mais livres do que as brancas, uma vez que as primeiras podiam circular desacompanhadas pelas ruas das cidades, mas as últimas só poderiam circular acompanhadas: “Sendo negra, tem o privilégio de sair sozinha, privilegio que não é dado às brancas. Neste ponto estas são mais escravas que seus próprios escravos”.<sup>8</sup> Aos olhos da vicentina, o que estava em jogo era o privilégio da circulação pelas cidades, já que ela própria deveria circular livremente para realizar as suas atividades caritativas.

---

<sup>6</sup> Relatório de viagem da Irmã Dubost para o Diretor das Filhas de Caridade, Padre Aladel. Mariana, 15 de abril de 1849. In: **História da missão das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil**. Mariana: Casa da Providência, 1999. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana

<sup>7</sup> D. Viçoso. *Jornal Selecta Catholica*, 01 de novembro de 1846. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana

<sup>8</sup> Carta da Irmã Dubost à Irmã Henriqueta, 04 de setembro de 1849. In: **História da missão das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil**. Mariana: Casa da Providência, 1999. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana

Por outro lado, as mulheres brancas também foram vistas pelas vicentinas como carentes de instrução. Analisando a prática do ensino do catecismo e do encaminhamento à primeira comunhão, ficaram espantadas quando souberam que este papel ficava nas mãos da mãe de família, já que “... não estando ela instruída... que instrução pode ela dar?”.<sup>9</sup> Como era possível catequizar as crianças se as suas mestras, suas mães, não possuíam instrução? Aos olhos da Irmã, as agentes sociais do Catolicismo ainda não estavam preparadas adequadamente para a expansão da fé.

As Irmãs ainda conseguiram vislumbrar outras diferenças que as separavam das brasileiras em geral, especialmente quando visitaram as obras caritativas do Rio de Janeiro. A forma como era conduzida a instrução das mulheres foi impactante para a irmã Dubost, especialmente ao visitar um orfanato feminino, obra a que estava acostumada em seus trabalhos na França. Ela percebeu muitas diferenças na Instituição mantida pelo Hospital da Marinha Imperial:

É um estabelecimento espaçoso e bonito. A arrumação e o alojamento das moças estão longe de parecer com os nossos estabelecimentos. Dir-se-ia entrar num pensionato de senhoritas. O que vimos primeiro foi uma sala de estudos. A escrita não é boa. A música parece ter primazia, pois logo nos perguntaram se alguma dentre nós sabia tocar piano e nos apresentaram uma cadeira. Respondemos que assim que se entra na comunidade, aquelas que sabem esta arte a deixam de lado. Fomos conduzidas, em seguida, ao jardim, à lavanderia e depois ao refeitório: talheres postos na mesa com certo luxo, toalhas adamascadas, prato fundo e prato raso, facas e garfos de prata. [...] Levaram-nos em seguida aos quartos das jovens. Cada uma tem o seu quarto. Os moveis consistem em uma cama bem elegante e uma mala de couro que serve de armário e de cadeira. [...] Dali fomos para uma grande sala onde uma centena de jovens estava reunida, em pé. Traziam consigo um lenço de bolso muito fino, como as damas usam. Disseram-me que elas só saíam de lá para se casar. Tenho pena daqueles que as terão por esposas, pois elas parecem mais com um móvel inútil do que como donas de casa.<sup>10</sup> [Destaque nosso]

A amplitude do local, a proposta de quartos separados para cada órfã e a riqueza dos talheres postos à mesa logo apareceram aos olhos da Irmã Dubost como algo distante dos princípios educativos dos órfãos vicentinos, principalmente com relação à arrumação e à disposição dos espaços. Também ficou incomodada com a escrita ruim e as habilidades ao piano das órfãs, já que pareciam mais preparadas para a

<sup>9</sup> Carta da Irmã Dubost à Irmã Mazin. Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1849. In: **História da missão das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil**. Mariana: Casa da Providência, 1999

<sup>10</sup> Ibid.



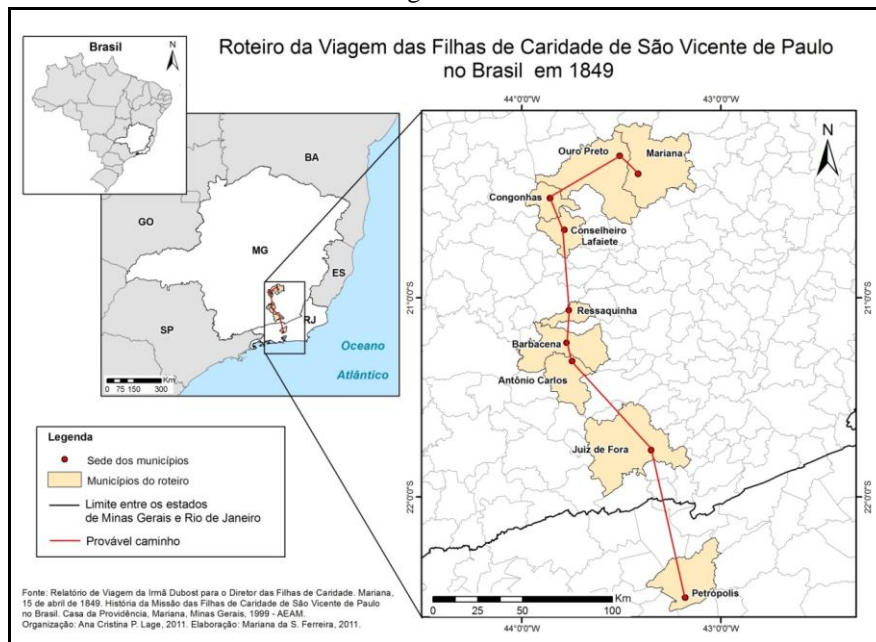
aquisição de ornamentos musicais do que de técnicas escriturísticas, proporcionando assim uma opinião negativa acerca do que as vicentinas esperavam das órfãs como futuras donas de casa. Entendia que eram preparadas apenas para ornar, mas não para exercer funções administrativas ou de trabalho nas suas futuras casas, por isso comparou as meninas aos móveis da casa. Este tipo de preparação estava distante da opinião que as vicentinas possuíam de como seria uma educação adequada às crianças órfãs, principalmente quanto à preparação destas para atividades de trabalho e sustento próprio.

Após as anotações de suas impressões acerca da Corte brasileira, as Filhas de Caridade retiraram-se do Rio de Janeiro no final de fevereiro e foram inicialmente para um sítio próximo, já que necessitavam aprender a montar a cavalo para transpor a distância entre a Corte e Mariana. O relato da longa viagem, iniciada em 11 de março de 1849, transpondo rios e uma vasta extensão de terras, esteve permeado de notícias sobre as diferenças alimentares, as dificuldades na hospedagem, a utilização de roupas específicas para cavalgar e ainda os percalços que encontraram no caminho. Por onde passaram também despertaram a curiosidade das pessoas, principalmente nos momentos em que trocavam os trajes de montaria pelo hábito e apareciam com as famosas *cornetas*.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Carta da Irmã Dubost à Irmã Mazin. Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1849. In: **História da missão das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil**. Mariana: Casa da Providência, 1999. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

Figura 06<sup>12</sup>



Ao longo da viagem para Mariana, distribuíram vários presentes às populações locais, especialmente para os seus hospedeiros: medalhas, terços e imagens. A troca de presentes, principalmente objetos de devoção popular, tornava-se um grande ponto de apoio para mediar os primeiros contatos com as populações ao longo do caminho e também quando chegaram a Mariana. Os presentes portavam uma devoção diferente da brasileira, uma vez que reverenciavam santos da devoção francesa e ainda fortaleciam o culto de Nossa Senhora e do Sagrado Coração de Jesus. Em várias cartas, a Irmã Dubost comunicava a entrega dos presentes para os seus destinatários, ou relatava a chegada de diversos caixotes da França com o material, ou ainda solicitava o envio de novos objetos. “Nosso consumo é grande; aqui não se vendem objetos de piedade, distribuem-se gratuitamente e nossa provisão já acabou há muito tempo. Continuamente perguntam se já chegaram de Paris, medalhas, terços, imagens. Eles são insaciáveis!” Aos olhos da Irmã, os brasileiros não tinham o hábito de pagar pelos objetos devocionais e eram insaciáveis na solicitação das novidades francesas, mas estes objetos foram importantíssimos para mediar os contatos iniciais das Filhas de Caridade com as populações locais. Por outro lado, já representavam as modificações iniciais na própria devoção popular, com a inserção de uma nova hagiografia, dentro das iniciativas

<sup>12</sup> Para a confecção do mapa foram utilizados os nomes atuais das localidades por onde as vicentinas passaram.

ultramontanas. Era necessário também combater as devoções populares oriundas do período colonial português, quando os santos eram tratados familiar e intimamente, acarretando adulações, amores e ódios nas relações entre os fiéis e os seus santos protetores. No século XIX, passava-se a valorizar uma concepção romanizada, que fortalecia a história de santos europeus exemplares, tanto para o comportamento pessoal, quanto para a vida espiritual dos indivíduos, e distante da relação íntima com os devotos. Os santos desse período eram mediadores da fé, mas, antes de tudo, venerados pelos seus devotos de um modo respeitoso. Os diferentes santos estavam mais próximos da história das congregações religiosas, como foi o caso da inserção ao culto a São Vicente de Paulo, canonizado desde 1737, e ainda do fortalecimento da adoração à Virgem Maria e ao Sagrado Coração de Jesus pelas mãos das vicentinas em Mariana.

Quando as Irmãs chegaram a Mariana no dia 03 de abril de 1849 e estabeleceram o primeiro contato com D. Viçoso, já tiveram o primeiro impasse cultural no interior da própria organização vicentina: “Gostaríamos muito de saber o Português e o Sr. Bispo, o Francês. Foi preciso recorrer ao Pe. Cunha que alternadamente traduzia os sentimentos do Santo Bispo e nosso reconhecimento pelas suas boas disposições para conosco”.<sup>13</sup> O caráter universalista das vertentes masculina e feminina dos vicentinos levava a um impasse no contato inicial, principalmente por que as Filhas de Caridade desconheciam a Língua Portuguesa. Por outro lado, o português D. Viçoso, aquele homem tão instruído, como apontam os diversos estudos sobre a sua história, desconhecia a língua considerada como a mais *civilizada* naquele momento. Até que as vicentinas aprendessem a Língua Portuguesa, sempre tiveram um padre bilíngue para acompanhá-las, inclusive nos contatos com o bispado. Também iniciaram as aulas de Português tão logo se instalaram. Era necessário travar contatos não só com o clero, mas também com a sociedade local para conseguir iniciar e fortalecer a obra vicentina. Para Serge Gruzinski, em uma organização com intenção expansionista, quando os seus membros chegavam a um novo território, o aprendizado da língua local não aconteceria somente pelo desejo de se comunicarem e se fazerem compreender, mas proporcionaria também “... penetrar os mundos desconhecidos onde se encravavam os europeus”.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Relatório da Irmã Dubost à Ir. Mazin, iniciado em 15 de abril de 1849. In: **História da missão das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil**. Mariana: Casa da Providência, 1999. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

<sup>14</sup> GRUZINSKI, Serge. **Les quatre parties Du monde. Histoire d'une mondialisation**. Paris: Éditions de la Martinière, 2004, p. 241. [Livre Tradução]

Nesta perspectiva, os empreendimentos das Filhas de Caridade em Mariana só dariam resultados se estas conhecessem logo a língua local, principalmente para penetrarem e conhecerem as especificidades locais.

Os momentos iniciais das Filhas de Caridade foram voltados para o aprendizado do Português e ainda para a organização da primeira casa que ocuparam. Como D. Viçoso já havia adquirido uma propriedade para as Irmãs, no início das suas obras em Mariana, começaram por adaptar o prédio às suas necessidades. Outras casas foram adquiridas e reformadas posteriormente, de acordo com as necessidades do crescimento de suas obras. No primeiro ano em Mariana, enquanto a primeira casa era reformada e adaptada às suas necessidades, intensificaram o aprendizado do Português, atenderam os doentes e pobres e ainda circularam bastante pela cidade, principalmente para observarem os costumes locais. Os contatos estabelecidos e as opiniões sobre a cidade e a população também foram mencionados nas cartas trocadas com Paris:

Aqui me satisfaço, porque Mariana, embora seja uma cidadezinha episcopal, nada mais é do que uma aldeiazinha da França. Se aqui estiverdes haveríeis de gostar dela: calma, tranqüila, dir-se-ia semelhante à Jerusalém Celeste. Aqui não se escuta nenhum barulho, nem de martelo, nem de formão. Até seria bom se tivesse algum, pois não se encontra quem faça uma vara de ferro para cortinas, ou operário que seja capaz de fazer um forno para que tenhamos carvão a fim de passarmos a nossa roupa. Não sei realmente como faremos, não é possível nem mesmo conseguir ferros no Rio, como os que temos na França.<sup>15</sup>

Aos olhos da Irmã Dubost, a cidade de Mariana era tão calma e sem barulho que se sentia incomodada pela falta de determinados ruídos. Para ela, a presença de alguns sons em Mariana significaria a existência de determinadas atividades exercidas por profissionais que garantiriam a fabricação de objetos de que necessitavam, como os ferros de passar roupas ou as varas para as cortinas. Além da inconveniência da falta que sentiam de determinados objetos para as suas atividades cotidianas, a circulação das vicentinas ficava prejudicada pela ausência de calçadas nas ruas da cidade, algo fundamental para que exercessem as suas atividades assistencialistas:

Todas nós estamos presas pelos pés. Até então, eu, a menos atingida, ia com Ir. Marta visitar os doentes. Mas em Mariana não há calçadas, de modo que para se andar é preciso ter muita firmeza.

---

<sup>15</sup> Carta da Irmã Dubost à Ir. Mazin, iniciada em 24 de maio 1849. **História da missão das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil**. Mariana: Casa da Providência, 1999. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

Tenho uns ferimentos nos pés que estão aumentando com o calçamento das ruas. Contudo continuei durante alguns dias e desde ontem tive de parar. O repouso os curará, creio eu. Estamos com os pés e as pernas cheios de gordos botões, inchados como pipas. A Ir. Odet foi a primeira a apanhar carrapatos e bichos de pé.<sup>16</sup>

Os sapatos das Irmãs não deveriam ser apropriados para andar pelas ruas de Mariana, uma vez que lhes machucavam muito os pés, e elas ainda adquiriram os bichos de pé e os carrapatos. Assim que chegaram ao Brasil, a maior parte das Filhas de Caridade tiveram que cuidar das suas próprias doenças, para depois cuidar dos próximos. Além disso, eram doenças que desconheciam na França, não possuíam técnicas adequadas de tratamento e, em diversos momentos, relatavam novos métodos curativos que aprendiam com a população local. Segundo a correspondência, algumas Irmãs passaram vários meses acamadas, em decorrência não só dos carrapatos e bichos de pé, mas também das diferenças alimentares e climáticas. No final do ano de 1849, já se achavam adaptadas ao clima, à alimentação e às doenças locais, já que “... os bichos de pé não constituem mais problemas; já nos consideram brasileiras e nesta qualidade, nos respeitam”.<sup>17</sup> No ano seguinte, quando já eram respeitadas e consideradas como brasileiras até pelos *bichos de pé* locais, ou seja, já adaptadas e aceitas pela população de Mariana, iniciaram as suas atividades relativas à educação feminina.

A subsistência inicial do grupo vicentino provinha especialmente das arrecadações de D. Viçoso em suas diversas visitas pastorais pelo interior mineiro e também de doações diretas de pessoas caridosas. As Irmãs acreditavam que a Providência sempre viria auxiliar ao grupo: “Certamente, tornar-nos-emos independentes depois que nos organizarmos. [...] Permitirais que vossas Filhas da Caridade de Mariana sejam também Filhas da Divina Providencia”.<sup>18</sup> Mesmo com a falta de recursos, nunca se sentiam desamparadas, pois sempre recebiam auxílios financeiros e alimentares. Esse fato acarretou o nome posterior do Colégio: *Providência*.

Mas como as vicentinas não eram mulheres que dependiam somente de auxílios externos, logo trataram de pensar na própria subsistência: “Precisamos de um

---

<sup>16</sup> Carta da Irmã Dubost à Ir. Mazin, iniciada em 24 de maio 1849. **História da missão das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil**. Mariana: Casa da Providência, 1999. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

<sup>17</sup> Ibid.

<sup>18</sup> Carta da Irmã Dubost ao Pe. Etienne. 05 de junho de 1849. In: Ibid.

alambique para destilar água de flor de laranjeira, que depois será vendida. [...] Quando tivermos nossas alunas, faremos flores, pequenos trabalhos manuais, etc.”.<sup>19</sup> Antes da abertura do Colégio, já previam que os trabalhos manuais, fabricados pelas alunas e pelas Irmãs, seriam vendidos para ajudar na manutenção das suas obras.

As freiras preocuparam-se desde o início em cuidar de doentes, de idosos desamparados e ainda introduziram a educação tanto para as meninas de famílias abastadas, quanto para as meninas pobres e também órfãs. Porém, ao longo da história do Colégio Providência, acentuou-se a presença e a diferenciação dos grupos de educandas: em um prédio ficava o grupo das pensionistas pagantes e de algumas pobres gratuitas, financiadas pelas subvenções provinciais; em outro prédio, ficavam as órfãs.

As subvenções do poder provincial para a manutenção da obra aconteciam em troca do ensino gratuito para algumas alunas pobres e ainda ajudavam na manutenção das meninas órfãs. Este era um modelo de educação interessante para o Governo Provincial, já que não necessitava de muitos investimentos públicos: poderia contar com a assistência de diversas pessoas caritativas ou ainda a manutenção financeira por meio dos trabalhos manuais desenvolvidos na própria escola, como ainda buscava resolver os problemas da orfandade feminina. A chegada das Filhas de Caridade no Brasil instituiu um novo momento para a história da orfandade no Brasil, principalmente com a ampliação das ideias liberais que proporcionavam novas formas de filantropia, já que esta passava a ser uma atividade também ligada e controlada pelo Estado. Além disso, as Irmãs de Caridade passavam a cuidar dos órfãos no Brasil, principalmente no momento que o poder público provincial restringia as atividades das Câmaras municipais e centralizava em suas mãos este tipo de cuidado. Na análise dos Relatórios de Presidente e diretores da Instrução da Província, verifica-se a necessidade de informar os dados acerca das meninas órfãs em Minas Gerais, principalmente devido às diversas subvenções que a província dava ao Colégio das Órfãs de Mariana. Nestes documentos propunha-se a ampliação de escolas caritativas, que não saíam muito caras para os cofres públicos, uma vez que, em pouco tempo, poderiam manter a obra sem o auxílio das subvenções. Era uma educação que não necessitaria de tantos investimentos, já que poderia ser assistida por diversas pessoas, além dos cofres públicos, e poderia

---

<sup>19</sup> Carta da Irmã Dubost à Ir. Mazin, iniciada em 24 de maio 1849. **História da missão das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil**. Mariana: Casa da Providência, 1999. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

tentar resolver os problemas da orfandade feminina, preparando estas órfãs para a futura função de esposa e mãe.

Além das órfãs e também de algumas alunas pobres, as Irmãs aceitaram na instituição meninas pagantes, tanto para prover as necessidades financeiras das demais atividades, quanto para auxiliar na formação das jovens mineiras. Nesse momento, a Irmã Dubost relacionava a aceitação das pagantes às necessidades locais e à ausência de pessoas aptas para educar as meninas mineiras. Alguns anos depois, após o fortalecimento da instituição educativa, a Irmã Dubost via a educação como a grande ação das vicentinas no Brasil, já que dizia: “Insisto ainda [...], para afirmar que a educação da juventude é a obra mais importante e acrescento que o bom Deus, tendo aberto por este meio, uma porta para as Irmãs no Brasil, parece querer que esta obra permaneça a obra das Irmãs”.<sup>20</sup>

Ao considerar a educação como a obra mais importante das vicentinas no Brasil, a Irmã Dubost demonstrava uma mudança de foco das práticas vicentinas. Fazia parte da cultura vicentina desenvolver diversas atividades de acordo com as necessidades dos locais para onde eram enviadas. Naquele momento, a percepção de que a necessidade maior era a educação e, nas especificidades de Minas Gerais, a educação feminina, levou as Filhas de Caridade a aumentarem os seus esforços neste setor.

Salienta-se ainda que a necessidade da educação da elite feminina mineira partia de um movimento maior: a ampliação do discurso da necessidade de educar as mulheres; a falta de escolas e Colégios para este segmento em Minas Gerais; e a intenção dos pais de proporcionar uma educação específica para as suas filhas. Por outro lado, as Irmãs necessitavam dos pagamentos efetuados por este segmento para manter as suas obras caritativas e complementares à grande obra das vicentinas no Brasil: a educação de meninas.

O movimento expansionista das obras e, principalmente, da prática educativa das vicentinas no Brasil sofreu algumas perseguições, e não foram todos os pais que aceitaram a educação proposta pelas Irmãs. Especificamente em Minas Gerais, a divulgação do relato da viagem das freiras de Paris até Mariana ocasionou muita

---

<sup>20</sup> Carta de Irmã Dubost à Superiora francesa, 21/03/1854. In: **História da missão das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil**. Mariana: Casa da Providência, 1999. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

insatisfação. Embora toda a correspondência tivesse destinatários específicos, o longo caminho que percorria até Paris e as diversas mãos pelas quais passava não garantiam a privacidade das leituras, o que ocasionou um processo de difamação da presença das vicentinas em solo mineiro após a publicação de parte da correspondência em que a Irmã Dubost relatava a sua estada no Rio de Janeiro e a posterior viagem para Mariana. Esse relato de viagem, endereçado à Superiora de Paris, foi inicialmente publicado em um jornal francês e, posteriormente, traduzido para um periódico do Rio de Janeiro.<sup>21</sup> As informações contidas nos jornais também foram relatadas aos superiores parisienses:

Entretanto, só publicaram trechos que chocam os brasileiros. [...]. Meu nome está ali com todas as letras e o redator promete continuar a publicá-las.

Eu estaria injuriando os brasileiros, injúria que, reconheço, eles não merecem, se julgassem que nossas cartas foram abertas. [...]

A nossa pequena Mariana, segundo dizem, está em alvoroço. Perguntam quem são estas Irmãs que depreciam seu País. Inquietam-se dizendo: Nada podemos dizer nem fazer, sem que seja relatado em França, e concluem: Elas são mentirosas e ingratas. Pois por boa parte foram bem recebidas. [...]

Além disso, o que mais os chocou e não podia deixar de chocar, foi minha reflexão a respeito da educação recebida pelas órfãs, mas eu estava escrevendo à minha família e não via nisso grande inconveniente. [...]

Pensando que São Vicente, em nosso lugar, ficaria em silêncio, resolvo mantê-lo também.<sup>22</sup>



Esse documento pode ser considerado como um marco divisório nas correspondências encaminhadas a Paris e também na tentativa de preservação de uma identidade vicentina francesa sem as interferências da cultura local. A ideia de manter-se em silêncio predominou nas cartas seguintes, principalmente com relação às opiniões acerca dos marianenses.

Em uma correspondência seguinte, a Irmã Dubost informou à Superiora de Paris que a difamação no jornal brasileiro devia-se às recentes solicitações do governo Imperial de envio de Filhas de Caridade para o Rio de Janeiro: “Pois vedes, Minha Mãe, que Deus quer nos multiplicar. O demônio não está contente, dir-se-ia que ele teme as cornetas; provavelmente teme ainda mais os missionários[...]”.<sup>23</sup> A multiplicação das

<sup>21</sup> Como a Irmã Dubost não fez referência aos nomes dos periódicos, não foi possível localizá-los.

<sup>22</sup> Carta da Irmã Dubost ao PE. Etienne 12 a 22 de abril de 1852. In: **História da missão das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil**. Mariana: Casa da Providência, 1999. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Grifos meus

<sup>23</sup> Carta da Irmã Dubost à superiora, abril de 1852. In: Ibid.



vicentinas, representadas pelas *cornetas* que portavam à cabeça, tornava-se uma ameaça, principalmente para aqueles que defendiam as ideias liberais, pois a presença destas e dos Lazaristas, seus confessores, proporcionaria uma ampliação do ultramontanismo no Brasil. Em Mariana, as notícias difamatórias acarretaram a saída de algumas alunas pagantes do Colégio Providência, instituição que, nesse momento, tinha apenas dois anos de funcionamento:

Nestes últimos dias, o pai de uma de nossas alunas menores chegou aqui imbuído de todas essas idéias, para retirar a filha do Colégio. A pequena, coitada, chorava e não nos queria deixar. Vem, vem, dizia-lhe ele e, tomando-a pela mão, leva-a para fora, dizendo-lhe: chega de Irmãs! [...]

O demônio está furioso e anda solto, fazendo-nos prever que nossas Irmãs e sobretudo os missionários farão um grande bem.<sup>24</sup> [Destaque nosso]

Na opinião de Irmã Dubost, se o mal aparecia nesse momento, era porque estava furioso com a força e a grandiosidade do trabalho que os vicentinos iniciavam em Mariana e no Brasil. Uma obra voltada para a expansão da Igreja Católica Romanizada. Por outro lado, se os pais retiravam as suas meninas da Instituição, não era por vontade das crianças, visto que elas estavam distantes das notícias jornalísticas.

D. Viçoso, por sua vez, logo buscou reverter à situação e combater o inimigo *demoníaco*. Na parte prática, propôs novas obras assistenciais para as Irmãs de Caridade, como a abertura de um asilo para doentes e pobres, ou então buscou arranjos políticos para fortalecer a obra e o envio de novos vicentinos junto ao Império. Por outro lado, mobilizou e intensificou a simpatia da população pelas vicentinas por meio da circulação de suas idéias. O jornal *O Romano*, difusor dos princípios ultramontanos de D. Viçoso, serviu também para expandir as ideias sobre a importância dos vicentinos em Minas Gerais. Ao mesmo tempo, os recursos arrecadados com a venda do jornal serviriam para as obras caritativas desenvolvidas com o apoio do bispado. A análise das fontes desta pesquisa aponta para a força e a aprovação deste discurso de valorização da obra vicentina e também das ideias ultramontanas de D. Viçoso. Se, por um lado, não foram encontrados muitos documentos contrários à presença das Filhas de Caridade em Minas Gerais, por outro lado, o próprio crescimento do Colégio Providência, posterior a este primeiro momento conflituoso, comprova a força do discurso de D. Viçoso.

---

<sup>24</sup> Carta da Irmã Dubost à Superiora de Paris, 25 de maio de 1852. In: **História da missão das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil**. Mariana: Casa da Providência, 1999. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

Pelo lado das vicentinas, se até abril de 1852, a Irmã Dubost relatava tudo para a Casa Mãe e buscava manter-se *fidel* às orientações para a universalidade da obra, a partir da publicação de parte da sua viagem para Mariana nos jornais de Paris e da Corte, passou a escrever cartas mais concisas, contendo informações apenas das suas atividades e não emitindo comentários sobre as impressões que tinha de Mariana. Pensando no fortalecimento e manutenção da obra em solo mineiro, o grupo teve que adaptar os seus princípios vicentinos para algumas exigências locais, principalmente em suas práticas educativas. Para o fortalecimento da organização, as mudanças tornavam-se necessárias. Além disso, como o próprio Padre Etienne informava, a obra de Mariana era a primeira do Brasil e serviria de experiência para a implantação de outras casas vicentinas no País. A base não poderia fracassar, pois não daria sustentação para o restante da obra vicentina nas terras brasileiras, e, para que a organização se fortalecesse, as mudanças tornavam-se necessárias.

A preocupação com o ensino do piano às alunas pagantes tornou-se o exemplo mais significativo da modificação de suas práticas. Aos olhos das famílias abastadas de Minas Gerais, a aprendizagem do piano, instrumento musical que chegou ao Brasil apenas no século XIX, com preço alto e com todas as dificuldades de transporte, tornava-se cada vez mais um ícone de distinção social e de inserção na civilização européia.

Inicialmente a Irmã Dubost manifestou-se contrária à atividade, pois acreditava que não era próprio para as Irmãs e alunas escutarem ou aprenderem a tocar algum instrumento musical. Além disso, não gostaria de educar as suas meninas como as órfãs que visitara no Rio de Janeiro. Depois, pressionada pelos pais das alunas, começou a questionar a pertinência deste tipo de ensino junto à Casa Mãe. Finalmente, quando perdeu algumas alunas pela falta deste ensino, e já era difamada com relação às suas opiniões acerca das órfãs da Corte, tomou a decisão de comprar um piano, contratar um professor externo e, só então, comunicou a decisão aos superiores de Paris.<sup>25</sup>

Hoje, 07 de janeiro de 1853, continuo minha carta e venho dizer-vos, minha Mãe, depois de pensar diante de Deus e nos termos reunido em Conselho [...]. verificarmos o que seria conveniente fazer a respeito

---

<sup>25</sup> Cartas da Irmã Dubost à Superiora de Paris. 24/05/1852; 21/12/1852; 24/10/1853. In: **História da missão das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil**. Mariana: Casa da Providência, 1999. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

dessa miserável musica. [...] Nisto existe apenas o desejo da gloria de Deus, resultante de maior permanência das alunas nesta casa. Somente o receio bem fundado, de que este estabelecimento tão útil à juventude brasileira viesse a perecer, levou-nos a decidir a questão.<sup>26</sup> [Destaque nosso]

As Irmãs de Mariana decidiram e o fizeram sem esperar as respostas da Casa Mãe em Paris. Aconselharam-se com os irmãos lazaristas locais e basearam-se em recentes modificações que foram feitas em Paris, mas a *miserável música*, tão desejada pelas famílias mineiras, predominou diante do receio de ver o Colégio fechado. Também abriram as portas da instituição para professores externos, já que as Filhas de Caridade não ensinariam algo para o qual não estavam preparadas e que também as distanciava das Regras de S. Vicente. Para o vice-diretor da Instrução Pública da Província, o ensino do piano e o da música vocal entravam como disciplinas complementares e diferenciais da instituição para a formação das *perfeitas* senhoras. No aprendizado destas artes, as meninas teriam momentos de alegria dentro do Colégio e ficariam aptas para alegrar e entreter os seus familiares, atraindo tanto admiradores, quanto pessoas que gostariam de aprender as suas técnicas. Enfim, por *prudência*, a administração do Colégio cedia às solicitações dos pais. Verifica-se que a adaptação às *necessidades* locais foi necessária para a sobrevivência e a ampliação das vicentinas nas terras mineiras. Pouco tempo depois, o domínio da prática do piano era visto como um diferencial nas atividades discentes, que eram avaliadas pelo diretor da Instrução Pública:

Os exames que tiverão lugar no dia trinta e um de Dezembro do anno próximo passado, ante um immenso concurso de pessoas illustradas da Cidade de Marianna, e d'esta Capital, demonstrão exuberantemente o acerto com que é dirigido o Collegio, e o zelo, e dedicação que empregão as Irmãs na educação das alumnas.

Admiráveis escriptas de diversas formas, ornadas de variados desenhos, nítidas e perfeitas copias de Cartas Geográficas, flores, obras de ponto de marca, bordados primorosos, tanto de linha, como de retroz e fios de seda, trabalhos já convertidos em objectos de uso, taes como: bonets, palletós, sapatos de tapete etc. etc. [...] Por esta occasião também se fizerão ouvir algumas musicas de canto, e peças de piano, que pela graça e perfeição com que forão executadas, comprovão o estado de adiantamento das Alumnas neste apreciável ramo da educação do bello sexo.<sup>27</sup> [Destaque nosso]

<sup>26</sup> Carta da Irmã Dubost à Superiora, 07 de janeiro de 1853. In: **História da missão das Filhas de Caridade de São Vicente de Paulo no Brasil**. Mariana: Casa da Providência, 1999. Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana.

<sup>27</sup> Relatório do diretor da Instrução Pública, Joaquim Delfino Ribeiro da Luz, 11/03/1856. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/461>. Acesso em: 22 de abril de 2010.

Para o representante do poder provincial, cabia às alunas o aprendizado de letras perfeitas, de trabalhos manuais nos moldes franceses e de músicas cantadas e tocadas ao piano. Estes eram os aprendizados que desejavam para as meninas mineiras naquele momento.

Poucos anos depois das apreensões da Irmã Dubost com relação ao número de educandas na sua instituição e aos embates entre a cultura vicentina e aquela dos pais das alunas mineiras, o governo provincial tecia elogios às atividades empreendidas pelas vicentinas para a educação do *bello sexo*: uma educação literária, moral e também de prendas domésticas.

Órfãs, meninas pobres, meninas abastadas, mulheres doentes e pobres, todas eram auxiliadas pelas irmãs vicentinas e preparadas dentro dos princípios da organização francesa, recebendo e contribuindo para as mudanças na cultura organizacional. Instaladas em espaços diferenciados, estavam preparadas para atividades manuais, educativas, e também para se transformarem em ótimas esposas e mães nos moldes do Catolicismo.

Quando o viajante inglês Richard Burton visitou as obras das Irmãs de Caridade em Mariana, por volta de 1868, expressando a opinião de uma pessoa de fora, questionou se a educação era realmente a vocação principal das Irmãs, pois acreditava que o local daquelas *excelentes* mulheres era o hospital e as cabeceiras dos doentes. “A instrução não é seu forte, e, no entanto, elas fazem questão de ministrá-la, porque, assim, podem moldar os espíritos da geração que está surgindo”.<sup>28</sup>

Outras opiniões contrárias ao verdadeiro preparo das vicentinas para a educação apareceram em vários lugares, mas a força de D. Viçoso, o fortalecimento do discurso ultramontano, a carência de escolas e pessoas para educar as meninas e ainda a capacidade de adaptação das vicentinas em Minas Gerais propiciaram o fortalecimento da obra em todo o século XIX.

A moldagem dos espíritos das alunas – que poderiam ser ricas, pobres e órfãs – foi a principal obra das Filhas de Caridade, com o auxílio constante de D. Viçoso em Minas Gerais. Abriram caminho para outras Irmãs de Caridade no Brasil e para outras Congregações em Minas Gerais, mas se consagraram como as primeiras, aquelas que

---

<sup>28</sup> BURTON, Richard. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho**. São Paulo: Itatiaia, 1976, p. 278

testaram e conseguiram se adaptar às necessidades mineiras, visando à multiplicação da formação das agentes sociais nos moldes ultramontanos.



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)